



CÂMARA MUNICIPAL DE FLORESTA
CASA BENÍCIO FERRAZ

AUTÓGRAFO Nº22/2017.

A CÂMARA MUNICIPAL DE FLORESTA, ESTADO DE PERNAMBUCO, RESOLVE APROVAR NOS SEUS TERMOS, O PROJETO DE LEI Nº24/2017, DE AUTORIA DO VEREADOR PEDRO HENRIQUE NOVAES DE SOUZA LIRA, DATADO DE 13 DE SETEMBRO DE 2017.

Ementa: Institui no Calendário Oficial do Município o dia “1º de agosto Dia do Soldado de Volante - Floresta e Nazaré do Pico”, data fixa, a ser incluída no Calendário Municipal de Floresta.

O Presidente da Câmara Municipal de Floresta, Estado de Pernambuco.

Faço saber que a Câmara Municipal aprovou e o Presidente envia para sanção o seguinte Projeto de Lei:

Artigo 1º - Fica incluído no calendário oficial do município de Floresta “1º de agosto Dia do Soldado de Volante - Floresta e Nazaré do Pico”.

Artigo 2º - O dia será comemorado dia 1º de agosto.

Artigo 3º - As atividades alusivas ao dia 1º de agosto dia do soldado de volante poderão ser devolvidas pelas entidades representativas no município.

Artigo 4º - Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogando as disposições em contrário.



CÂMARA MUNICIPAL DE FLORESTA CASA BENÍCIO FERRAZ

JUSTIFICATIVA

O presente Projeto de Lei Nº 24/2017, são estudos de muitos, encontra justificativa na data de 1º de agosto de 1923, quando os primeiros nazarenos ingressaram na Força Pública do Estado. Segundo, o escritor João Gomes de Lira, em seu livro: Memórias de um Soldado de Volante, volume II, na página 265, explicita: MOTIVOS QUE FORÇARAM OS NAZARENOS A INGRESSAREM NA FORÇA PÚBLICA DE PERNAMBUCO.

Justifica-se também que, nas comemorações militares, foram instituídas datas diferentes para homenagear os seus Soldados, tais como: 28 de março – Dia do Policial Federal; 13 de abril – Dia do Policial Civil; 11 de junho – Dia do Policial Militar; 23 de julho - Dia do Policial Rodoviário Federal; 25 de agosto – Dia do Soldado do Exército Brasileiro.

Como esquecer os Soldados de Volante?... Impossível para nós!

Do outro lado do banditismo e das ações de Lampião e seu bando, existiram homens honestos, trabalhadores e corajosos que lutaram para que a população de Floresta, cidades circunvizinhas, vilas, povoados e fazendas próximas, não sofressem com os ataques terríveis. Esses homens eram Policiais Militares que não mediram esforços, lutaram de sol a sol, enfrentando bandidos perigosos.

Vale ressaltar que entre esses heróis esquecidos, estavam nossos familiares, que vestiram a Farda da Corporação por amor ao dever de manter a segurança pública no sertão de Pernambuco. Faz-se necessário homenagear também, os Homens da Força Pública de Pernambuco, que arriscaram as suas vidas para protegerem tantas outras vidas, livrando-os das façanhas e atrocidades de Lampião e o seu bando.

Esse pedido não pode ser calado, pois resgata a História Municipal e abrilhanta os nomes de nossos heróis, ou seja, os Soldados de Volante, que brilharam e ainda brilham na memória de suas famílias.



CÂMARA MUNICIPAL DE FLORESTA CASA BENÍCIO FERRAZ

A IDENTIDADE DO SOLDADO DE VOLANTE: Abordar a história dos Soldados de Volante coincide com a história da Polícia Militar de Pernambuco. Um novo modelo de policial, nascido de um regionalismo sertanejo e que teve o seu surgimento justificado pela necessidade de contrapor-se a uma nova forma de criminalidade, o cangaço. As Tropas Volantes são um seguimento da Força Pública do Estado de Pernambuco (nome adotado em 1913). O aperfeiçoamento das Tropas Volantes pernambucanas, no início da década de 20, tornou-se um estandarte tático para o desenvolvimento dessa modalidade policial em outros Estados nordestinos, com o mesmo objetivo. Levando-se em consideração as raízes culturais e de onde se originaram a grande maioria dos cangaceiros e volantes, tornaram-se inimigos fraternos, ou seja, inimigos de um mesmo ventre, sertão nordestino. A definição da identidade dos Policiais Militares integrantes dos contingentes volantes passou também pela apropriação e aperfeiçoamento de táticas e culturas desenvolvidas por cangaceiros sem, contudo, abandonar por completo a hierarquia e disciplina da Força Pública. O ciclo do cangaço, principalmente a partir do período lampiônico, colocou em cena policiais militares “talhados à feição dos inimigos”. No ambiente do sertão nordestino, as Tropas Volantes ao longo dos anos, passaram a atuar com a mesma vestimenta de couro que os inimigos que perseguiram e que, de tão semelhantes, confundiam a população. Foi o couro que vestia o policial volante que o aproximou do cangaceiro e que fez com que o brim cáqui dos quartéis se tornassem fardas raras no sertão. Nas vestimentas dos volantes não existia espaços para fitas de sedas, distintivos de cursos e medalhas. Os sapatos são substituídos por alpercatas ferradas e com rabicho simples ou duplo, as roupas se tornam mais resistentes à vegetação local, o gorro é substituído pelo chapéu de couro com aba e testeira; panos para fazer a tolda (barraca) e o lençol, trançados na frente do corpo dispostas em xis, cruzando o pescoço. Bornais cruzados e punhais passaram a fazer parte da indumentária. O integrante da Força Volante era um policial militar, porém suas vestimentas em nada mais lembrava o fardamento regulamentar dos milicianos da capital.

Faço aqui uma ressalva sobre a obra “Capitães do Fim do Mundo – As Tropas Volantes Pernambucanas (1922-1938)”, na página 14, do escritor André Carneiro de Albuquerque que revela: (...as fardas/uniformes eram feitas em uma oficina do 3º Batalhão da Força Pública, no sertão do



CÂMARA MUNICIPAL DE FLORESTA CASA BENÍCIO FERRAZ

Estado, bem distante da cidade do Recife...)/ (...Costuradas por poucos homens, dentre eles o 3º Sargento José Miguel dos Anjos e o Cabo Antônio Gomes de Menezes).

Nossos heróis, florestanos e nazarenos, pertenceram a várias famílias honradas que podem ser elencadas por ordem alfabética: Albuquerque, Araújo, Cavalcanti, Calaça, Cruz, Ferraz, Flor, Freire, Goiana, Jurubeba, Leite, Lima, Lira, Mendonça, Novaes, Nogueira, Polmata, Sá, Santos, Silva, Souza, Torres, Valgueiro, entre outras...

É a História que conta, que nunca se lutou tanto para proteger as FAMÍLIAS como nesse tempo, os lares deveriam ser cuidados, os membros salvos de qualquer perigo, a vigilância era constante, seja de noite, seja de dia; o sentimento de defesa sentia-se à flor da pele... No combate, havia retaguarda sim, uma família protegia a outra, uma família livrava a outra, a busca pela sobrevivência das famílias era uma questão de honra. Paz nas suas vidas não tinha, mas os laços familiares lhe davam total coragem para entrar nas caatingas e enfrentar feras armadas até os dentes. Como era difícil ser Mãe ou ser Pai nesse tempo do cangaço, pois os filhos homens eram convocados para lutar e quanto mais jovens fossem, melhor! Infelizmente, muitos não puderam retornar aos seus lares sãos e salvos, pois a vitória era muito incerta, podia virar total fracasso.

Não dá mais pra aceitar que a história do cangaço seja entendida apenas pelos feitos de Lampião e o seu bando, não podemos crer que a história possua um só lado, uma versão apenas! Está na hora do nosso povo entender, de que não adianta desvalorizar o que é nosso, para erroneamente valorizar o que vem de fora, é necessário desapegar da ilusão do que vem de fora! Concluindo, vivemos em pleno sertão pernambucano, num berço de tantas riquezas culturais, com informações raríssimas; é chegada a hora de resgatarmos o valor da nossa História! (Autoria: Rosemere Novaes de Sá.)

Solicito dos meus pares a sua aprovação.



CÂMARA MUNICIPAL DE FLORESTA
CASA BENÍCIO FERRAZ

Plenário da Câmara Municipal de Floresta, 21 de setembro de 2017.


Alberto Carlos de Souza

Presidente